

na Checoslováquia

(Original do gravado)

Você se vai nas próximas
que deve ter sido sinceramente sem
a nenhuma tentativa de esconder
alguma coisa. Estou disposto a
criticar qualquer ponto que pareça
obscuro na minha exposição.

As minhas actividades ou melhor
as minhas actividades reaccionárias
na Checoslováquia (estudante, vocação
briano na Checoslováquia, com a ex-
cepção do António Mato, e do Zideon
Máche) começaram a seguir a
publicação em Novembro de 1969 do
documento de Urie. Simango "Triste
situação no seio da Frelimo" que
colocara os membros do Comité
central da Frelimo em duas
fases.

Documentos congêneros, provenientes
de outros membros do Comité
central e de um representante
de Urie, juntos, na Frelimo em
par - os - salta - não vieram
deixar fortificar a nossa posi-

ção contra a parte dos membros do
C. e dirigida por Saimon Machel e Marcelino
dos Santos.

As actividades consistiam em resoluções
passadas, contra a direcção da Frelimo,
e enviadas à sede do Partido com cópia,
distribuídas a grupos de estudantes, liti-
gando em paga ao Comité de Liber-
tação em Dar-es-Salaam e ao Gover-
no Tanzaniano, com o fim de procu-
rar apoio para o grupo de Uria Simango.

Além dos documentos a nós enviados
recebíamos notícias do Uria Simango
que a Frelimo perdia e maldizava
os estudantes que voltavam dos estu-
dos para a sede do Partido em Dar-es-
Salaam.

II A base da minha oposição a Frelimo.

Minha oposição à resolução e
consequentemente a Frelimo, é
essencialmente pessoal porque que era
revolucionária. Sai de situação
eclesiástica para a situação polí-
tica, sem transição.

21 O meu grupo não era revolucionário

nao era da a...
então da linha politica de...

Um exemplo: foi quando precisava sair
fiscal de alguém bater na minha
porta com chamboes enquanto eu
relaxo no sofá. Alguns meses depois
eu me lembrei de não voltar a trabalhar
- me ofendi.

Vivo ofendi e concetti a trabalhar como
"maquiagem" ao muito cedo.

Foram os pais que me retira-
ram dessa situação e me me-
teram no seminário, onde estudei.

3) Em dar-es-tatam o Uria Siman
go apresentou-se-me logo com ideias
nazistas e regionalistas. Eu vivi bem
quando trabalhei como o presidente
Mondlane, mas um dia desisti de
quem começou a falar-me em
"França e Portugal e tal so-tave. Falou-
-me em grupos politicos que eu não
comhevia. Tudo isto foi lá para final de
1960 quando eu via ainda coisas
na televisão.

O proprio Siman go surpreendeu-me
com a sua posicao anti-branco tanto
no Instituto Moçambicano como logo

Após a definição da palavra
pelo Presidente Gondlane na sessão final
do I Congresso da COMOP em Barce-
lonaam. O Sr. Gondlane afirmou que
o inimigo do povo goçanibicano não
era o branco, mas sim o colonialismo
e imperialismo. O comentário do
Simão foi que Gondlane falava
assim para defender a sua esposa.
Repara-se que nessa altura eu era ainda
novo na feliuro.

Tais alianças eram feitas também
ao nível local, a quem se exprimiam
as coisas, já como o Norte.

Quanto problema, não me fez li-
vantar no Instituto Goçanibicano,
permanecendo ele (Simão), ao fim
e ao cabo, o inocentão. Simão
utilizou-me para seus objectivos
bairros.

Naí eu expunha a minha con-
sciência. Sou individualista levo ao
maior pelo contacto pessoal que pelo sa-
-cristão. Isto transparece claramente
sem como atraíste a Revolução.
Uma manifestação da mentalidade
de elite da escola eclesiástica, ma-
nifestação do espírito de inferioridade
(homem de elite, as mulheres, as crianças.)

que se manifestava na repressão de república
então. Apesar da atitude, como não
conhecemos a dignidade humana e
formosa, de muitos no meio da nova
pátria que se a Felino criou.

III Razões da vinda para Moçambique e o comprometimento com Portugal.

Portugal queria formar uma reacção
interna contra a Felino. Queria for-
mar um governo em Moçambi-
que que fosse dos seus gostos, para
perpetuar o seu intento colonia-
lista, como não tivesse gente para
isso, angariava estudantes reaciona-
rios à Felino no estrangeiro.

A vinda para Moçambique foi, portanto,
o elemento da minha posição reacio-
nária na Checoslováquia, vide I.

Fiquei completamente desiludido,
desorientado e não procurei mais
sentir o bem pessoal.

Tive medo de voltar a Felino.

As reuniões aconteciam na presença
de um novo colega ^{do nome} que havia
voluntário a vir ao Felino para se
bater com o partido, perguntando
- lhe sobre se poderiam voltar para

a Felino sem havermos de ser
muito a respeito que obtivemos foi
que ele pessoalmente não nos aconselha-
va a voltar.

A resposta idêntica obtivemos de
outra pessoa da Felino, de pasta-
gem por Braga.

Voltei para Acumbiçue e engajei-me
com Portugal, porque estava desesperado,
e o meu egoísmo optou pelo cami-
nho fácil.

O caminho seguido foi este:

terminado o curso em Braga tomei
comboio para Berlin Ocidental onde
entrei sem dificuldades, graças.

Aqui vi-me cedo face ao problema
de passaporte e fui contactar o cônsul
português, naquela cidade, José da Silva

Júlio Kazan e Paulo Marquesa ka-
rami feito a mesma coisa ha-
ve tempo. Aécio do Silva era

pôr-me em contacto com um ar-
teiro Sr. João Versteiga, secretário da
Embaixada portuguesa em Bonn.

Nessa altura era pouco tempo

depois da visita da delegação da

Felino à Alemanha Federal

a convite do partido de W. Brandt e
Miguel Guerra na companhia do Dr.
Amador Silva e Costa tinha vindo
também à Alemanha Federal, pelo
visto, para desmentir o que a de-
legação de Marcelino dos Santos tinha
afirmado. Deu uma saltada para
a Berlim Ocidental e como para con-
firmar o que havíamos combinado
foi com o Silva e Versteiga de voltar
para Moçambique.

No dia 31 de Janeiro de 1974 tomá-
mos avião de Berlim Ocidental di-
recto para Lisboa. Em Lisboa fi-
camos talvez três dias no hotel
Mira-Parque e fomos falar com o
então ministro do Ultramar, Baltá-
zar Rebelo de Sousa. Agradecemos-
lhe a facilidade que nos deu para
voltar para Moçambique, e ele em
resposta prometeu-nos que nada
nos aconteceria e que poderíamos
voltar e trabalhar na nossa terra
em cooperação com Portugal. A de-
monstração que era para
que muitos outros estudantes não
fugassem para o estrangeiro.

nunca, devessem ter razão de um
permanente de ter voltado.
Voltamos para Mocimbuque via Lisboa
- Luanda - Feira.

II Atividades contrarrevolucionárias em Mocimbuque, causas, objeções, ligações.

No tempo do fascismo vivemos em
Mocimbuque coisa de dois meses, e saiu,
depois, sobretudo o golpe de Abril. A seguir
o golpe floresceram uma pleiade de par-
tidinhos em Mocimbuque. Eu particu-
larmente fui convidado pela Conver-
são Democrática de Mocimbuque
para tomar parte nas suas ati-
vidades, mas recusei. Estes senhores
constituem a classe dos banqueiros
em Mocimbuque.

Fui convidado a tomar parte no Fumo
pelo próprio presidente do Partido, António
Dias, também recusei. Neste grupo tra-
balhava o homem Simões.

03, depois de 25 de Abril estive para ir
03, para Portugal para falar com um
03, membro do governo.

Triano em, Basilio Banda e Julio Rozas.
Lizia. Se que iam falar com o secretário
ou o chefe do gabinete do governo
português. Faláramos também
com Costa Gomes, general Salgueiro e
personalidades cujos nomes não recordo.
O que se ia lá falar foi o que se
chamou "posição dos ilaquebicanos não
adrentes a Felino". O documento foi
composto pelo Dr. Amadeu Silva e Costa
e por Miguel Murupa. Basilio Banda
assinou esse documento, mas eu não
assiniei, porque não estava de acordo
com o conteúdo e precisei ganhar
tempo dizendo que esperava Julio
Rozas que vinha de L. Marques para
reverem o que estava escrito. Tinha-
mos tudo o que estava escrito contra
a Felino e então Basilio Banda
não assinou o documento e não
se fez nenhuma viagem. Foi se
embora e meteu-se na forma-
ção do seu RICHIPAMO com Murupa
e outros que não conto.

O objetivo dessa viagem que não
cheguei a realizar - se era de um divida
uma tentativa de algum grupo far.

taute do povo. Além, resto, o governo por-
tuguês estava seriamente preocupado
na formação da reacção interna con-
tra a tréllima. É bem sintomática a
permissão e patrocinação de tantos
partidos formados a correr, após 25 de
Abril.

Por sinal o Miguel Marapu, não possui
o documento que ele chegou em con-
tato com o Dr. Amadeu Silva e Costa.

b) Entretanto corria na população que
os portugueses fugiam em massa pa-
ra Portugal transportando bens e di-
nheiro moçambicano. Era o Júlio
Razas mais alguns indivíduos da
Beira e arredores. Fizemos um docu-
mento em que pedíamos o deser-
namento da população europeia
que andava armada nas cidades
enquanto a população nativa
andava desarmada, igualmente
pedimos o controle de saída dos
bens adquiridos em Moçambique
por parte da população fugitiva
Este documento, juntamente com o título
Frente Unida T. U., que nunca che-
gou a existir. Tentamos fundar
esse partido, porque estávamos con-
vencidos de que a tréllima...

Estavam nessa reunião com outros
Benjamim Tamar, Paulo T. Bolão
Igual e outros. Não tinhamos ligação com
nenhuma organização.

e) Além disso tive conversa com
Alameda, Santa em que perguntei
de a proteção que Portugal devia era
só para cidadãos portugueses, europeus.
Porque falava-se em defesa de
bens e vidas. Foi-me dada a res-
posta que se eu quizesse podia ir
para Portugal ou ficar em Moçambique
bique a próprio risco. Foi o
governo que se ia formar em
Moçambique, que se dizia do
democrata, mas era reacionário.

V Pósto isto, afirmo por aqui que
reconheço a minha culpa por ter
participado de atos contra revolucionários
contra o Partido que me convidou
para os estudos para ser um
Sou baixo, repugnante. Repudio as
minhas tendências, reistas e aspi-
realistas, gosto pelo conforto individual
e orgulho, desprezo o povo e a sua
liberdade. As minhas actividades foram
reacionárias e contrárias a revolução.

do povo mereço castigo, porque sou
filho indígneo.

VI Por último peço ao povo que me
relembra a minha mãe. Até
para a Revolução.

O meu crime é hediondo. Foi uma
traizão do povo em plena guerra, e um
mau exemplo, por isso não quero
que alguém diga tal coisa com tanta
to-baixa.

Peço ao povo que me perdoe e prome-
to que a minha vida de hoje em
diante será expressão do meu arre-
pendimento. Então completamente
afadado, peço o povo a que quite de
mim.

João Joaquim Gurgel

18-3-25